

# Narrativas EntreSéculos: Portugal e Brasil

Organizadoras:  
Judite Maria Zamith Cruz  
Ana Maria Haddad Baptista  
Associação EntreSéculos (AES)



TESSERACTUM

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)**

**(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)**

Narrativas EntreSéculos: Portugal e Brasil [livro eletrônico] / organizadoras Judite Maria Zamith Cruz, Ana Maria Haddad Baptista. – São Paulo, SP : Tesseractum Editorial, 2022.

ePub

Vários autores.

ISBN 978-65-89867-32-6

1. Brasil - Relações culturais – Portugal 2. Intercâmbio cultural e científico  
3. Memória - Aspectos sociais 4. Narrativas 5. Portugal -  
Relaçõesculturais - Brasil 6. Produção científica 7. Produçãocultural I.  
Cruz, Judite Maria Zamith. II. Baptista, Ana Maria Haddad.

22-107348

CDD-303.4

**Índices para catálogo sistemático:**

1. Portugal e Brasil : Relações culturais :

Sociologia 303.4

Eliete Marques da Silva - Bibliotecária - CRB-8/9380

**Coordenação Editorial:** Equipe Tesseractum Editorial

**Diagramação:** Equipe Tesseractum Editorial

**Capa:** Luísa d'Alte

**Revisão:** Autores

Primeira Edição, São Paulo, Abril de 2022 © Tesseractum Editorial

Site da Editora: [www.tesseractumeditorial.com.br](http://www.tesseractumeditorial.com.br)

Nenhuma parte dessa publicação, incluindo o desenho de capa pode ser reproduzida, armazenada, transmitida ou difundida, de maneira alguma nem por nenhum meio sem a prévia autorização do autor. A violação dos direitos autorais é punível como crime (art. 184 e parágrafos do Código Penal), com pena de prisão e multa, busca e apreensão e indenizações diversas (art. 101 a 110 da Lei 9.610 de 19.02.1998, Lei dos Direitos Autorais).

## Sumário

<b>APRESENTAÇÃO DA ASSOCIAÇÃO ENTRESÉCULOS (AES)</b> .....	6
<b>1. Do grupo EntreSéculosnaAvenida à Associação EntreSéculos</b> .....	9
1.1 Prolegómenos à conceptualização de «EntreSéculos» - continuidade e fugas –.....	10
1.2. A Associação EntreSéculos narrada por Margarida Pires da Fonseca e Ana Luísa Janeira, por Ricardo Dias (entrevista) .....	27
<b>2. Projetos de investigação</b> .....	39
2.1. Esquema genealógico de Virgílio César da Silveira Machado e Os Silveira Machado: breves reflexões sobre a necessidade de uma genealogia, por Isabel Cruz e Pilar Pereira.....	40
2.2. Memória e esquecimento: Virgílio César da Silveira Machado no seu périplo de vida (1859 – 1927), por Isabel Cruz .....	45
2.3 Virgílio Machado e Marco Lucchesi: breve entrecruzamento de trajetórias-memórias.....	64
2.4. Guardar memórias: o feminino no 232 da Avenida, por Érica Franceschini .....	67
2.5 A Livraria Rodrigues e os seus marcos EntreSéculos, por Ilda Crugeira .....	81
<b>3 In memoriam de Tania Mara Galli Fonseca</b> .....	96
3.1. À Tania: para sentir o que não sabemos, por Érica Franceschini.....	97
3.2. CORRESPONDÊNCIA .....	102
3.3. Da reciprocidade para uma pesquisa epistemográfica, por Tania Fonseca, Ana Luísa Janeira e Judite Zamith Cruz.....	128
3.4. Paisagens mentais de imagem e de sentimento: correspondência entre Ana Luísa Janeira e Tania Mara Galli Fonseca, por Judite Zamith Cruz.....	160

### **3.3. Da reciprocidade para uma pesquisa epistemográfica, por Tania Fonseca, Ana Luísa Janeira<sup>83</sup> e Judite Zamith Cruz<sup>84</sup>**

#### **1. Do que se trata numa troca de mensagens**

Na recuperada troca de mensagens via e-mail, entre Ana Luísa Janeira e Tania Mara Galli Fonseca, reporta-se a experiência imediata desperta, no efetivo devir histórico e na ação discursiva engendrada, dispersa e desvelada numa controversa identitária movediça.

A primeira intenção é descritiva, sendo que a autora, melhor a transcritora, pretende explicitar a linguagem psicológica ou literária, numa primeira fase e, numa segunda fase, transcreve um processo de interação, com vista a análise subsequente.

O tema central de debate é um Projeto intitulado “EntreSéculos na Avenida”, cujo subtítulo remete para Lisboa (“Possível na avenida – Uma Lisboa EntreSéculos”). Em Lisboa, a avenida destacada é a Avenida da Liberdade e a família, a que as duas pesquisadoras se referem, retratada ao longo de três gerações, marcada pela figura de um avô e de uma neta, cujos nomes colocam-se com as iniciais, respetivamente Virgílio Machado (VM) (Figura n.º 1) e Maria Macedo (MM).

---

<sup>83</sup> Professora associada com Agregação em Filosofia das Ciências, Faculdade de Ciências da Universidade de Lisboa, aposentada. Fundadora da AES.

<sup>84</sup> Professora auxiliar em Psicologia, no Instituto de Educação, da Universidade do Minho, Braga. Membro da AES.



Figura n.º 1 – Virgílio Machado (1859 - 1927).

Fonte: Acervo de Maria Macedo, neta do médico Virgílio Machado.

Como se fosse uma investigação entre mãos, são duas as intervenientes, seguida a ordem inicial de comunicações escritas: Ana e Tania. A primeira, coordenadora da pesquisa, conhecedora das questões colocadas, vivia em Lisboa, Portugal, e Tania residia no Brasil, em Porto Alegre, a capital do Rio Grande do Sul.

De acordo com o justo alerta de Ana, acentuei o carácter espontâneo e “cursivo” da escrita, nomeadamente por parte de Tania, sem nada ser alterado nem na ortografia, nem na sintaxe original. Onde, o respeito pelo estilo da troca de ideias, iniciada em 6 de dezembro de 2016 e concluída em 5 de setembro de 2017, num conjunto de vinte e duas mensagens, em que a mensagem final é de uma terceira pessoa, Érica Franceschini.

Tratando-se do *acontecer* criativo, para uma epistemologia no terreno plural, a deontologia da transcritora fixou não manter o texto original, quando fossem abordados outros temas. E havia a língua portuguesa a reconhecer no Brasil e o inverso, donde não dever *escapar* à transcritora *um dedo nas teclas*... Não ultrapassei a medida justa de uso de termos e significados.

### **1.1 - Procedimento de transcrição de interações previamente ocorridas e/ou escritas**

Quando os recursos são uma primeira transcrição fornecida e um certo número de mensagens, como fontes primárias para um trabalho textual, considero a preocupação de partir das transcrições integrais do texto para a análise descritiva e/ou interpretativa.

Uma regra adotada de transcrição indico: ao usar uma ou outra palavra das intervenientes, coloquei-as em *itálico*; e as frases foram citadas entre aspas. Sem esquecer de regras de escrita, palavras e expressões verbais, segui uma norma: depois da pessoa de um país escrever, coloquei entre parêntesis retos uma ou outra palavra ou expressão verbal, quando no outro país seja diferente, no uso da língua, ou seja, nas áreas da gramática. Mais saliente é existirem “diferenças no modo como outros escutam diferentemente entre si, e por forma diferente do que pode querer dizer quem fala e quem escreve mensagens” (Gee, 1991, p. 27; como citado em R. Gomes, 1992, p. 355).

Pode colocar-se o paralelo com quaisquer afetos (agradáveis e/ou desagradáveis) aludidos por quem tenha centenas de folhas de transcrição (Feldman, 1995, p. 1; Tesch, 1990, p. 93) e a complete. Por conseguinte, observei dificuldades decorrentes de dar coerência e sentido a um leque de “dados” (sendo textos), em termos globais, temáticos e integrados (Riessman, 1993, p. 67).

Todavia, quando tenho a pretensão de *dar uma forma* a uma fonte escrita, de acordo com procedimentos cuidados, demorados e trabalhosos, penso em “desconstruir” discurso e ideologias, para mostrar os limites da linguagem. Depreende-se que a linguagem coloquial é plena de expressões não lexicais (indexicais), interrupções, sobreposições de ideias, hesitações, inflexões emocionas e pausas. Nos registos escritos, para quem nem conheça as questões, ocorrem contradições (Riessman, 1993, p. 69). Surgem até mesmo *outras falas* e “falsos” começos e repetições de letras ou de palavras, por efeito do dispositivo utilizado – um conjunto de *e-mails*.

Diferente foi o antigo género epistolar. Na atualidade, a via de comunicação por *e-mail* expõe certos condicionantes diferentes de escrever um texto com cuidado, para efeito de publicação. Nem sempre o corretor automático e a revisão do texto são disponíveis; por vezes, a falha na escrita implica o automatismo e rapidez. Inclusive, temos hesitações em lidar com uma ou outra experiência (imediate, significativa, não refletida...), logo passada a relato. De acordo com P.

K. Manning (1992, pp. 202-204, como citado em M. Feldman, 1995, p. 51), também é possível “observar atentamente o modo como a linguagem cria alguns significados e suprime outros significados”, ou ainda, atender-se a que, quando são colocadas as palavras em contexto podem examinar-se os efeitos de mudar os contextos em palavras”.

Para Martha Feldman (1995), a análise desconstrucionista de textos implica que venham assinalados, além dos silêncios, as interrupções, as repetições, etc., por forma a enfatizarem-se dicotomias, sujeitas a hierarquias: pode parecer “importante/com consequências” dizer mais sobre um fenómeno categorizado como “bom”, contraposto a outro tido “abaixo daquele”, de acordo com a perspectiva que se crê ser a do interlocutor (designado de fenómeno de “desejabilidade social”).

## 1.2 - Faseamento de procedimentos

Explicitarei as duas etapas de trabalho de transcrição, de acordo com as orientações de Feldman (1995).

No “movimento desconstrucionista” para a análise textual ou narrativa (Feldman, 1995), num primeiro momento, situa-se a inevitável “seleção” de textos, ao cuidar de os apresentar na linguagem escrita, próxima do quotidiano. O que seja escrito é sempre sujeito a frases inacabadas, ambiguidades e redundâncias.

Desconstruir discursos de pessoas e reconstruí-los é então uma tarefa analítica tida por árdua, porque implica a explicitação de conhecimentos expressos ou não (tácitos ou implícitos), atendendo ao que é dito e ao que não é dito. Poderei compreender o subtexto?

Um tal efeito de apercebimento para os dados escolhidos, por reconhecimento de limitações no domínio da interpretação (Strauss, 1987, pp. 216-217), permite a construção de uma análise muito seletiva (como numa escolha de palavras-guia, tidas por “relevantes/com efeitos”), em conjunto com “lembranças” (*memos*)<sup>85</sup>, colocadas em notas de rodapé. As “lembranças” justificam a intenção

---

<sup>85</sup> *Memos* (“lembranças”) são registos que movem o analista para diante e a partir dos “dados” (textos) e num âmbito “mais abstrato” (Strauss, 1987, p 32). Os “*memos* teóricos” são “registos rápidos de *insights*, vertentes paralelas ao tema, hipóteses, discussões acerca das implicações sugeridas pelos *códigos*, pensamentos adicionais...” (p. 110). Esse é um fator referido como ligado à criatividade no método iniciado por Barney Glaser e Anselm Strauss.

de comentário de ações/interações, decorrentes de episódios narrados ou as ideias veiculadas em situação de diálogo à distância. São por essa via controlados certos aspetos reguladores do fenómeno interativo (observação de descontinuidade no discurso, negociação implícita de significados, sentidos ou sensibilidades). Essas características não foram questionadas, previamente com Ana.

Como estabelecer essa troca na escrita, antes de o debater com Ana, no segundo momento, a fase de transcrição?

Ana coordenou um projeto, que veio a acolher Tania no estudo. Para os diálogos destacados (como nas entrevistas não diretivas), anotei de imediato que Ana não usou o recurso a “estímulos factuais” (ex.: “fale-me daquela ocasião...”), embora possa manter “estímulos mínimos” (ex.: “Tania, diz-me algo mais...”). Ao transcrever o “encontro”, procurei inteirar-me do debatido por ambas, cujos códigos ou padrões narrativos nem são idênticos, mas algo diferentes dos seus.

Por conseguinte, efetuei transcrições, prossegui na clarificação dos fatores suscitados por desconhecimento de nomes de pessoas, palavras ou expressões verbais. Com Ana, procurei desenvolver nova informação (identificados problemas), discutir significados tidos por relevantes, comentar ou sugerir alternativas. Por critérios pensados, selecionei e interpretei mensagens, em termos mínimos, aproximadas das perspetivas das interlocutoras. E é somente no segundo momento que devolvi as passagens comentadas de texto a Ana, uma condição nas investigações qualitativas, por técnicas destacadas tanto por Catherine Kohler Riessman (1993, p. 66) como por Martin Cortazzi (1993, p. 15). Cabe à interlocutora Ana comentar por escrito ou verbalmente o anotado. Riessman (1993, p. 66) acentuaria ser “desejável, como princípio geral, devolver o trabalho às pessoas que participaram num estudo.”

Evidencio ainda que poderão encontrar-se (ou não) “terrenos comuns” subjacentes, entre as comunicações da autora e da transcritora. Reconheço-o a partir das experiências, das abordagens teóricas, de certos fundamentos ou bases filosóficas. Serão terrenos de ordem estrutural (por referência ao reconhecimento mútuo de quem tenha características partilhadas), de ordem subcultural (moradoras numa região comentada) e de ordem social e/ou institucional. Grande parte das pessoas interpeladas virão a autorreferenciar-se face a um contexto profissional, formativo ou experiencial.

No final, coloquei no texto as referências (sistema autor e data), preferencialmente de obras traduzidas no Brasil. Segui o sistema APA, corrente em Portugal. Depreendo que no diálogo as duas pessoas eliminaram essa formulação textual.

Como observado em rodapé, coloquei *memos* para quaisquer esclarecimentos.

### 3 - Passagem a texto de diálogo escrito

*Primeira troca de mensagens: 06.12.2016 e 07.12.2016*

Assunto: (Re:) minhas novidades

Na primeira mensagem, Ana introduziu o assunto, ao coordenar um projeto de investigação científica, relativo ao “legado cultural” de Virgílio Machado (VM). Médico, viveu com a família num *lindo* prédio, de cinco pisos, com a localização referida - Avenida da Liberdade.

Uma senhora da sua ascendência, com cerca de 80 anos (designada de MM), morava no edifício sozinha. Mulher *lúcida*, foi comentado por Ana, que “[MM] vive no espaço e tempo de antepassados”. A habitação consumou um património, entre outros, a tornar a única herdeira uma *representante* de VM.

Ana manteria contacto próximo com MM, no quotidiano, considerando-a com características *únicas* e *inimaginável*, exigindo *esforço* no relacionamento.

No final da mensagem e enquanto suporte possível de pesquisa, Ana remeteu Tania para a possibilidade de efetuar uma leitura de Deleuze e Guattari (1980), numa obra com o título de *Mille Plateaux* (“Mil planaltos”).

*Segunda troca de mensagens: 09.12.2016 e 09.12.2016*

Assunto: (Re): EntreSeculosnaAvenida232

A resposta de Tania ocorreu no dia seguinte, agradecendo a participação ativa, como membro da equipa.

Entendeu que a contribuição poderia concretizar-se à semelhança de um estudo prévio (Fonseca, 2012)<sup>86</sup>, algo que descreveu do modo seguinte: “as questões do Arquivo e do Testemunho na tessitura de outra história, ao modo de Foucault, [em atenção a uma] história não oficial, retirada de documentos desprezados pelos historiadores da história oficial”. Portanto, ficamos a saber haver um *arquivo* e um *testemunho* da neta - MM, reconhecido e valorizado como uma faceta “esquecida” de memória coletiva portuguesa.

Tania definiu a cooperação *crítica*, centrada num trabalho *minúsculo*, na medida em que inferiu reportar-se a uma pessoa dominante - VM - um vulto na cultura portuguesa – “um grande médico”, designada a participação de recolha de “histórias minúsculas”. Enviaria um artigo, em que Georges Didi-Huberman (2017) esclareceu o significado de *minúsculo*, intitulado “Casca”: o que se afigura pertinente são “insignificâncias, para contar uma história, que não quer ser esquecida”.

Uma intenção e empenho no projeto sobressai e esclareceu-a: tornar “bem claro” algo preciso, no que diz respeito ao *desejo*. A aspiração de Tânia seria a formulação por si mesma de uma obra para memória futura do *desejo* de MM, quanto ao “património material e imaterial que lhe coube como herdeira”.

Como psicóloga, Tania sugeriu que ela própria ou outra pessoa entrevistaria MM, para efeito de criação dum *documentário*, a realizar por uma senhora que partilhou consigo o propósito de conceber a faceta audiovisual. Estaria previsto que iria assumir essa atividade Ana Lobato, professora na Universidade Federal do Pará (UFPA), sediada em Belém, no Brasil.

No identificado, MM foi pela primeira vez designada de “a cuidadora/guardiã de um arquivo privado/prisioneira”. Era vislumbrada a faceta pública.

Identifico outras características de MM. A primeira é relativa à *personalidade*, “despojada de bens e de ostentação”. Assim foi escrito, constatado que MM fosse a pessoa a “viver modestamente, em outra casa<sup>87</sup>... embora seja herdeira de bens consideráveis, os quais ela sacralizou como memória a seu avô

---

<sup>86</sup> Não tenho por segura a referência.

<sup>87</sup> Tania conheceria haver um andar alugado, no nº 232, da Avenida da Liberdade.

médico, VM”. No dia a dia, MM será “regrada por um apego e uma possessividade que não admite se traduzir para o seu benefício próprio.” Outra faceta complementar é MM possuir uma orientação contra a corrente *consumista*. Tendo até então “[MM] acumulado... [uma ‘fortuna crítica’] ... aos seus olhos, [o valor económico consumará] como um montante a ser resolvido, face à sua avançada idade”.

De imediato, como Tania o ponderou, entre o próprio olhar e “os olhos” de MM?

A não haver uma iniciativa de MM, tanto na faceta pública de doação como no domínio de visibilidade dos bens materiais, como proceder para tornar o projeto numa *ajuda* a MM?

Entre outras interrogações, foram de Tania as orientações. A *ajuda* a fornecer a MM iria cumprir o “desapegar-se deste ‘brilhante bem’ que a suportou em toda sua vida e do qual ela não quis desfazer-se, mesmo que em partes pequenas, em seu benefício”. Portanto, Tania refletiu e afirmou que custasse a MM “tomar decisões pessoal e solitariamente como sempre viveu”.

Por acréscimo de sentido, Tania dirigiu ao grupo de pesquisa uma palavra. Acreditou podermos “reviver através de seu testemunho [de MM], as sobreposições de vidas, dela e de seu avô” ou, no mínimo, MM consubstanciar um “ponto de convergência”.

- Quem foi o avô?

- Quem seria aquela neta? Uma *prisioneira*?

- Como é que o avô poderia alcançar a direção de *convergência* para a neta, uma pessoa solteira e sem filhos?

Tania colocou a si mesma as possibilidades de análise.

- “[Com os] Cuidados de preservação, para evitar sua deterioração... o que [MM] quer preservar?”

Em termos de posse, o legado é de MM. Todavia, “de fato, ela não o usufrui ou o goza de nenhuma maneira, tornando-se um tanto prisioneira [em termos *materiais e identitários*] do [legado]”.

No final, Tania retomou a perspectiva profissional. Era interessada na “questão da memória” de pessoas institucionalizadas, em serviços psiquiátricos<sup>88</sup>, e colocou a interrogação: “como contar uma vida que *se resume a apontamentos* discretos nos prontuários médicos, diagnosticada por uma sobrecodificação que impede vir a ser ouvida e torna-se esquecida e sempre à margem?”

*Terceira troca de mensagens: 07.01.2017 e 08.01.2017*

Assunto: (Re): teus textos

Ana introduziu o sentimento de uma perda nacional: a morte de Mário Soares (1924-2017), antigo Presidente da República Portuguesa, de 1986 a 1996.

Depois, identificou duas ideias a discriminar, que lhe foram favorecidas, partindo da comunicação suprarreferida. Colocou “diferenças entre cuidadora e guardiã” e entre *dons* e *bens*.

Defendeu termos, todos nós, formas particulares de *vivências* (subjetivas) e maneiras de *estar no mundo*, o que nos pode diferenciar.

A resposta de Tania remeteu para o luto, comentado por Ana. Como concebeu o luto de uma figura de tal relevância para Portugal?

Depois dele, houve “um esvaziamento de um espaço de utopia e de resistência que ocupávamos mesmo que nas frestas, silenciosa e até clandestinamente”, nem *conseguido* o luto separar a *estima* da *admiração*. O falecido foi alguém que [nem] “sequer viemos a conhecer, apenas fomos embalados por suas palavras e performances nas cenas políticas de nossos dias”. Nessa dimensão de perda para com ele, Tania *traduziria* a *atenção* ao acontecer e o *afeto*, nos termos expostos: “[atingimos] em nós próprios como algo destas faíscas que nos fisgaram a atenção e o afeto. O quê daquele sujeito, hoje falecido, resta em mim, para que continue sua luta de resistência contra as ditaduras e opressões?”

Retomada a experiência de MM, para quem Tania destacou ter *incorporado* a personalidade do avô, não globalmente. Identificou facetas. Uma *parte* seria o que VM *foi parcialmente* como pessoa (*afetando* MM na morte e no luto): “fazer durar

---

<sup>88</sup> É possível que Tania aludisse pela primeira vez a um trabalho, em que foi organizadora e autora (Fonseca, Filho, & Resende, 2014).

uma presença que já se tornou uma ausência...”. Inquiriu: “a própria história de MM... [será fazer o luto] em relação a VM e a todos os demais, que ainda não divisamos de sua família?”

De novo no papel de psicóloga, discriminou dois *tipos* de lutos.

Os lutos *normais* ocorrem “com tempo de validade e permitem que a pessoa enlutada prossiga o seu caminho, que dê destinos à/s herança/s que recebeu, ao seu modo”. Nesse *tipo* de luto, a herança é *reatualizada*, “para os seus dias e interesses”, como ocorre com *mulheres*, que identifica com disposições forjadas na dedicação às *artes* ou às *beneficências*. No outro *tipo* de luto, essa emoção *perdurou* como sentimento, não foi *recriado ao tempo presente*, foi deixada a pessoa como “um morto-museu a vir a ser despertado, quem sabe quando?”

Tania acentuaria uma expressão brasileira, por alusão a um "... gigante adormecido"<sup>89</sup>. E acrescentou o reportado *caso (adormecido)*, figurativo dum “fim de um modo de viver”, como num final de vida e ser de fazer a *elaboração* de uma perda, a perda de um avô. *Parecer-lhe-ia*, aliás, que a *influência* de VM possa ter “chegado a todos os familiares” e - *microfisicamente* - à sua última familiar, na descendência de VM.

Aquela geração, talvez as anteriores, fora gerida de forma *patriarcal*, sujeita a *demandas*<sup>90</sup>, no que pensou serem de cumprir os *desígnios* do mais velho e influente - VM, numa dada época.

No trecho foi escrito sobre MM: teria uma *alforria*<sup>91</sup>, explicitado por afastada, ainda “jovem, provinda de classe burguesa”. *Sacrificada*, foi trabalhar em África, como assistente social de profissão e como “uma espécie de Missionária”, entre *os seus*, ou seja, as pessoas semelhantes a si própria, pessoas *pobres* e *sem serem assistidas*. Pobre? Abandonada? Porquê?

---

<sup>89</sup> Tania introduziu as palavras, “...um gigante adormecido”, partindo do Hino Nacional do Brasil. Nessa obra, o Brasil é também dito um “gigante”, um país enorme. Não é no hino adotado o atributo de país *adormecido*.

<sup>90</sup> Em Portugal, a palavra “demanda” nem é utilizada para além de ter o significado de “busca”. Tania colocou o termo por um “desígnio”.

<sup>91</sup> A palavra “alforria” coloca a libertação de dependência, submissão ou opressão. A carta de alforria do proprietário de um escravo dava a este um dispositivo, no Brasil, para passar ao estatuto de “negro forro”.

Será que MM, na deslocação, incorreu na quebra da regra implícita, numa ousada “rebelião à família” ou noutros termos colocados? Sobrepôs a resistência “aos padrões de sua própria criação”? MM iria contrariar a família ou o avô?

Para Tania, a manifestação contrária a uma *época* “seria admissível, moralmente?” Poderia “alguma jovem partir de sua domesticidade para fins religiosos e assistenciais?”

No estudo, abordou um *caso-acaso*, em que a interlocutora veria a vida de MM *assobrada*, naqueles dias, passados noutro continente ou na atualidade. Seria como um *arconte*<sup>92</sup>. E Tania acentuaria poderem outros participantes no projeto ter condições de “comandarem seus sentidos”. Nessa expressão acentuava tirarem ilações por si próprios.

*Quarta missiva de Tania entre mensagens: 28.01.2017*

Assunto: (Re): minhas novidades

Tania tomou a iniciativa de voltar a escrever a Ana, sem notícia desta.

Partilhou com Ana e com o grupo ligado ao projeto um trabalho – *Arquivo e testemunho* (Fonseca, 2012). Pretendeu distingui-lo do projeto atual, cuja designação passou a sintetizar no modelo linguístico de “arquivo de enunciados”, por relação a *signos*, ou seja, a mensagens.

Referiu a dado passo<sup>93</sup> saber existir um “arquivo particular”, no prédio da Avenida da Liberdade, referente ao *Carnaval* em que foram incluídas “coleções de objetos... chapéus, cachimbos, objetos de uso pessoal da moda do momento...” Sugeriu a conceção de uma *taxonomia* para os bens materiais, entre outras taxonomias a elaborar.

Como Tania o entenderia, os *objetos falam*<sup>94</sup> tanto de *memória* como de *esquecimento*. No propósito da pesquisa estaria, então, *fazer falar o contraído* nos

---

<sup>92</sup> Um *arconte* corresponde a um termo explicitado na mensagem posterior, com fundamento na escrita de Jacques Derrida (2001 [1995]), quando Tânia diga convocar a pessoa a ler algo, que virá a repensar.

<sup>93</sup> A alusão é retomada em mensagem posterior - *sexta missiva, entre mensagens* em 28.01.2017, por possível orientação dirigida ao grupo (e não somente a Ana), com poucas alterações à quarta mensagem. No entanto, aprofundou o mantido adiante, com cortes, por repetições.

<sup>94</sup> Quando diga que os objetos falam, Tania poderia ter em mente uma outra obra de Didi-Huberman (1998), intitulada “O que vemos e o que nos olha”. No entanto, essa é uma possibilidade.

objetos – “o tempo espaço de uma existência”, dito que os objetos *o testemunhariam, condição de mudez* [própria dos objetos].

Na sequência, antecipou outro trabalho escrito a enviar ao grupo: “Rumores do arquivo” (“ainda não vozes, mas [rumores] possíveis de virem a ser [vozes]”). Tania explicitou o efetivado, escrito, tratado em *vozes dos rumores* de um “arquivo documental... audível, legível e assumindo que o grupo de arcanos [terá um papel a cumprir]<sup>95</sup>”. Pensou no grupo *transdisciplinar* e no conjunto de quem esteja pronto a *comandar*: “o que dizer ainda de coleções?”

Remeteu à equipa uma metáfora visual clarificadora, do pintor René Magritte, quando a *pedra* foi transfigurada em *nuvem*<sup>96</sup>.

Por conseguinte, Tania não afastou o efeito de tendência na pesquisa, assumiu um *viés*. Introduziu-o, partindo de dois ensaístas e filósofos.

Deu um outro suporte de entendimento no grupo de partilha, por Walter Benjamin (1987) enunciar a forma de “história feita a contrapelo” (como ao revés do pelo), no *alerta* para modos de ver, com dois sentidos e de sinal contrário.

Acresce a adesão de Tania a “Mal de arquivo: uma impressão freudiana”, de Jacques Derrida (2001 [1995]). Dessa obra citou as palavras do autor<sup>97</sup>, sendo que “pendendo ao lado da psicanálise” (um *viés*), afirmou que “a pulsão de morte destrói o arquivo para renová-lo e fazê-lo recriado pelas mãos dos arcontes, ou seja, dos seus leitores”<sup>98</sup>.

Assim colocado, define os *arcontes* por *leitores*, como MM ou como os participantes no trabalho, sendo que estes (ou outros) criem *ficções*, a que nem são *imunes*.

Tania colocou então a perspectiva de um membro, Ana Maria Haddad Baptista. Dela evidenciou a pesquisa da relação entre poesia e literatura (Baptista,

<sup>95</sup> De novo, a palavra *arcano* passa a atributo do grupo de pesquisa ao *comando*, complementar ao que afirma.

<sup>96</sup> Entre outras obras, em *La Bataille de l'Argonne*, de 1959, de René Magritte destacou *pedras* e *nuvens*.

<sup>97</sup> Não conheço o original ou a tradução para localizar a página de “Mal de arquivo”.

<sup>98</sup> Tanto se encontra a fonte primária de “pulsão de morte”, com sinais diferentes, em Freud quanto em Jacques Lacan. Nenhum dos dois psicanalistas foi referido no texto por Tania.

1998, 2002, 2005, 2007). Aludiu a que elabore questões para “tempo e memória”, nomeadamente na colaboração que encontrei para *reminiscências*<sup>99</sup>.

Naquela afirmação sobre a intrusão ficcional no existir, Tania encarou a impossibilidade de conceber “uma fidelidade na narrativa da vida”. Logo, acreditou na *liberdade* por formulação de *hipóteses* do que seja um *arquivo*, fruto do momento e dos *referenciais* de envolvido/as no projeto.

Apresentados os *referenciais*, uma genealogia de Tania, pediu um “diálogo de enfoque”, uma “reunião de olhares”.

Aproximando o grupo, Ana terá encontrado, de acordo com Tania, uma afinidade eletiva nas temáticas que sintetizou: “memória, tempo e desmemória”.

Tania incentivou de forma recorrente a partilha com Ana Haddad.

*Quinta troca de mensagens: 31.01.2017 e 31.01.2017*

Assunto: (Re): [ENTRESÉCULOS] 6 meses

A primeira interveniente - Ana - respondeu que Tania poderia enviar trabalhos, podendo “mudar algumas das afirmativas temerárias para o tom de hipóteses de trabalho”.

Tania não respondeu de imediato a essa orientação.

Observou antes ter lido uma “obra de família”, escrita por Maria Valentina da Silveira Machado (2013), onde encontraria alguns “aspetos disparadores” para os engatilhar na perspetiva em curso para edição em livro. Adiantou a temática referente à origem e à descendência familiar, abarcando *34 gerações*, num determinado “Memorial genealógico da Família de VM” (séculos X a XXI). Na “saga familiar”, introduzir-se-iam os primórdios dos “tempos do império [português]” (comumente situado desde a conquista de Ceuta, em 1415), traçadas as “trajetórias de vidas, casamentos e descendências”.

---

<sup>99</sup> Estudadas “reminiscências”, leva a reviver uma situação de memória, a criar uma autobiografia ilustrada, a efetuar uma recolha temática de histórias de vida, a captar momentos de décadas passadas, em fotografias ou gravações, a abrir até um baú de recordações, a reencontrar nele um objeto reminiscente, podendo fazer evocar algo como interesses e entretenimentos, revisitadas antigas competências ou habilidades, numa intervenção clínica.

Ficaria conhecido que outros núcleos familiares restritos terão habitado o prédio, entre os quais os irmãos e as irmãs de VM.

À semelhança do “lugar epistémico” em que Tania logo se recentrou, o prédio cumpriria essa função de conhecido, entre outras características no foco central de pesquisa – um “domicílio de coleções”, que fora espaço do desenrolar de vidas postas em comum. Queria auscultar alguém sobre outra faceta - um *histórico* do lugar - a edificação urbana. Mediante entrevista e recolha de documentos, o questionamento de Tania foi feito:

- “Porque alguns filhos e não outros vieram a residir no prédio n.º 232?”;
- “[Que] Gostos culturais desta família... (classe alta da época);
- “Por que elementos de Carnaval (os chapéus e o/a colecionador/a [dos mesmos]?: os chapéus como inserção de membros da família, no espírito da época?”;
- “[Seriam as] Coleções de VM, ou [seriam] parte de um espólio mais abrangente [incluídos outros membros]?”

Tania demonstrou que gostaria de o conhecer. Nas suas palavras, apreciaria “sentir em si mesma” a personalidade - VM, entre outros familiares, nas específicas facetas:

- “A pessoa humana de VM ([que forma] no “trato... bem-humorado ou sisudo...”) ... que tipo de pessoa ele teria sido?”
- “[Tendo VM] Um irmão... mais velho que cuidou dele na juventude para que nada lhe faltasse nos estudos, uma vez que o pai - JC, por vezes, era ‘mão fechada’ e não despendia recursos necessários à formação de VM... foi protegido, neste aspecto, por seu irmão, de quem agora não lembro o nome...?”
- “E estas mulheres que se apresentam tão afeitas à obediência das regras da época, procriam sem parar, isto nas gerações anteriores da Carlota Joaquina<sup>100</sup>, que vivia grávida, segundo consta”. Isto também marcaria algo

---

<sup>100</sup> Tania pensou na familiar Carlota Joaquina, cuja madrinha foi Carlota Joaquina (1775-1830), casada com o rei D. João VI, rainha conhecida no Brasil, por transferência da corte para o território colonial, entre 1808 e 1821.

da posição da irmã caçula [mais nova] Esther... pintora e sem descendência...”

- “Esther [terá vivido] algo como MM?”

Esther Adelina e a sobrinha-neta MM, ambas tiveram uma casa de família, que pertenceu a Carlota Joaquina, afilhada da rainha Carlota Joaquina, nas imediações do Palácio de Queluz (Figura n.º 2).



Figura n.º 2 - Casa de Maria Macedo. Fonte: Fotografia de Ana Luísa Janeira.

Acresce dizer que Tania terá falado por telefone com MM, quando acrescentou ter visto o *espanto* desta, ao questioná-la sobre a deslocação profissional a África. Enquanto Tania lhe terá afirmado apreender a zona longínqua, MM acharia o grande continente *perto* de Portugal, para conceber “muito normal” ter lá residido e trabalhado, dada a tradição colonial de Portugal<sup>101</sup>.

Do trecho fica a convicção de Tania no alcançado dum período crucial do projeto, pelo que o caracterizou de uma “aproximação envolvente”:

... somos convidados a nos implicar mais com os dados colocados, até para virmos a obter mais pistas pelas entrevistas e novas documentações, que se sustentem mesmo, em que [sejam] apenas rastros percebidos e que também nos entusiasmem pelo nosso esforço de busca.

<sup>101</sup> MM trabalhou fora de Portugal, país não democrático até 1974. O domínio político de *colónias*, durou até ao ano de 1999, quando ocorreu a devolução de Macau à China.

No extrato de texto é sintetizado o que caracteriza por um “espaço memorialístico”. Tania utilizou o termo “rastros percebidos”<sup>102</sup>, que antecederam a sua *busca*. Referiu sinais ou indícios deixados para nos impor o ato empenhado em avançar. Registou o desejo de afirmação do projeto como um “refletor de regimes de visibilidade e dizibilidade”, localizado no número de prédio – “[número de porta] 232, [para além] dos modos de vida de seus habitantes, mormente os da família de VM”.

Explorou a abordagem destacada em Deleuze<sup>103</sup>, reafirmados “os habitantes... tratados como personagens conceituais e estéticos”. E passou a aludir: a “existência [dessas pessoas] se manifesta como expressão de valores de um passado que lhes foi transmitido com rigor, durante 34 gerações”.

Todavia, em 2017, quando decorria a criação do projeto, haveria já “menos afínco [de MM] na transmissão de um legado”. Ainda “perdura [o transmitido de ordem cultural] como conservação e monumento do tempo e da vida, propiciada pelo mesmo [prisma de MM]”.

No auscultar da reciprocidade de pontos de vista, Tania assegurou que teria abandonado as suas “hipóteses temerárias”. Dito de outro modo, abandonou o tomado por “obscuros inconscientes que também cercam e movem a dinâmica das vidas”. Definiu o que tomaria por “inconsciente”, quando salientou “pensar algo daquilo que não se vê e que as aparências encobrem... [as] motivações obscuras, não por serem vergonhosas e sim porque são desconhecidas e mantidas em segredo aos seus próprios portadores”.

Pediu a Ana para não se *assustar* com a orientação, na medida em que iria *acordando* o que “pode ou não pode ser dito”.

*Sexta missiva de Tania entre mensagens: 28.01.2017*

Assunto: (Re): [ENTRESÉCULOS] 6 meses

---

<sup>102</sup> A palavra “rastros” ou “rasto” encontro-a entre muitos dos termos utilizados por Walter Benjamin. Em 2012, foi publicado no Brasil “Rastro, aura e história” (Sedlmayer & Ginzburg, 2012).

<sup>103</sup> Não é identificada uma obra.

O que Tania retém, por relação à mensagem anteriormente enviada, no mesmo dia<sup>104</sup>?

Terá dirigido a mensagem ao grupo, mais uma vez.

Insistiu na construção duma *taxonomia* de objetos, revalorizado o espaço de uma *mansão*. Não encontrei no documento prévio a valorização dos *objetos per se*: o que arraste o seu *falar* [sendo *mudos*] como *memória* e como *esquecimento*. Para o modo não usual de encarar a pesquisa, caberia a *pesquisadores* “fazer falar [nos objetos] aquilo que se encontra contraído nos mesmos, o tempo-espaço de uma existência que eles testemunharam em sua condição muda [sem fala]”.

Retomaria o intitular a questão em estudo de *tempo-memória e desmemória*.

Tania assumiu a *motivação* para o trabalho de projeto.

E foi reatada por si a imagem do pintor *surrealista* René Magritte, alguém que se furtou a integrar um grupo ou um “estilo”. Tania contou algo mais sobre a *pedra* tornada *nuvem*. Sublinhou-o: [Iremos] “desempedrar o passado pelas recordações do solo memorial que nos é oferecido”. O passado subterrado, por *empedrado*, deixando de vir à superfície?

Logo esclareceu a noção de *pulsão de morte* e a de uma figura de *arconte*, um qualquer *leitor* e pesquisador:

[A pessoa – arconte – é alguém] que o destrói [ao arquivo] e [o] faz morrer, à medida em que é revelado. Mas tal morrer não significa seu fim. Algo resta a dizer, pois a tarefa do arconte é a de busca [de conhecimento] em mar aberto e [essa busca] faz-se sempre incompleta e não totalizante. E, considera-se que tampouco os arcontes podem atribuir-se ou ambicionar pretensões de fixidez dos sentidos de um arquivo analisado.

Com o parecer divergente de uma “fixidez dos sentidos”, Tania pode ter acreditado que haja uma permanente reviravolta, de volta ao *sentido*<sup>105</sup>, na direção

<sup>104</sup> A *sexta missiva* de Tania, repete em grande parte a *quarta missiva, entre mensagens* em 28.01.2017, talvez dirigida a Ana, em primeiro lugar, depois ao grupo de investigadores.

<sup>105</sup> Penso que a interveniente tenha uma noção particular de *zona de sentido*. Enquanto a palavra “significado/interpretação” tende para o diretamente descoberto, literal, explícito e fechado a uma *zona de sentido* (cf. Vygotsky, 2008, p. 465; Bakhtin, 2001, p. 382), a noção de “sentido” dá conta

ao envolvimento com o *eu*, os outros e o mundo. Na visão alternativa de “fluidez do sentido”, definiu *interpretações* numa perpétua emergência de análise de *sentido*:

[As interpretações] fixas, seria [algo como ilações], de alguma forma [concebidas e fazendo] estagnar o processo de *devires* da história, coisa que que, por vezes, infelizmente, uma tendência historicista tenta impor como a história oficial e majoritária, abafando, assim, aqueles rumores que jazem no fundo do esquecimento à espera de passagem à superfície do sentido.

Para a conceção dupla de fixismo (historicismo e interpretação única) contribuiriam os fatores de momento para a fluidez do *sentido* para *arquivistas-intérpretes*. O que estaria em causa era saltar para o trabalho por parte dos detentores das “condições do momento em que a leitura é realizada”. Essa *leitura* é afeta às *circunstâncias* e às maneiras de *olhar* e de *sentir*. Donde, nem ser *perene*, nem ser *estável* o dito, no interpretado que *varia*, *calcadas* essas alterações em *dados* e em “percepções sensíveis”.

Assim colocado, o arquivo foi aproximado de uma “narrativa testemunhal”, a qual é “provida de graus de liberdade”. Podem, portanto, as interpretações de *arcãos* alcançar uma panóplia de significados, com maior ou menor fixidez de arquivistas, ou *intérpretes*. No intuito, “lançam[-se] argumentos ou mesmo hipóteses... sobre o material... desde os [*olhares* e os modos de *sentir*] possíveis, que a nossa bagagem de conhecimentos atuais permite”.

*Sétima missiva de Tania entre mensagens: 31.01.2017*

Assunto: (Re Re Fwd): [ENTRESÉCULOS] *livro Maria Valentina – reflexão Tania*

Tania lembrou aguardar o envio de outras fotografias, recebida uma da “fachada do prédio da Avenida Liberdade, n.º 232”. Mas não somente essa.

---

da fluidez para sentidos *segundos*. Estudei tanto o significado como o sentido, na pragmática e na semântica de enunciação, no ato de significar (significação), com a finalidade de compreensão do sentido e das suas condições de produção.

A investigadora agradeceu as fotografias remetidas por uma colaboradora no projeto.

Manifestou o confronto estranho com fotografias de espaços físicos, habitações, interiores e exteriores, em Queluz. Como Tania desconheceria a região, pediu uma identificação das imagens, que introduziam o “ambiente rústico” e com *casinhas*<sup>106</sup>. Pode ter estranhado possuir fotografias dum outro contexto diverso, formado por “interiores luxuosos e jardins *à la francesa*”<sup>107</sup>. Ignoraria a localização do Palácio Nacional de Queluz, na cidade do concelho de Sintra (Figura n.º 3).



Figura n.º 3 – Palácio Nacional de Queluz – Queluz, Portugal.

Fonte: <https://www.visitportugal.com/pt-pt/content/pal%C3%A1cio-nacional-de-queluz>

Da parte de Ana houve uma clarificação de características de MM, do projeto abrangente e dos intervenientes ou participantes, com data anterior explicitada de 19 de março de 2017:

MM é uma guardadora de histórias e contadora de objectos, vivendo o dia a dia -- melhor dizendo meia tarde e toda a noite -- sempre acompanhada de antepassados e lembranças. Assim sendo, no 232 e através dela, permanecem genealogias e colecções acolhidas, acumuladas, conservadas ou representadas sob múltiplos dispositivos -

<sup>106</sup> Ficámos a saber, junto de Ana, após a transcrição, que MM teria nessa localidade residência.

<sup>107</sup> A ousadia de criar um jardim *à francesa* coube a André Le Nôtre (1613-1700), criador doutros jardins clássicos, para além do Parque do Palácio de Versailles. Em Portugal, o Palácio de Queluz (século XVIII) foi habitado até 1807, quando a família real foi para o Brasil, devido às três invasões francesas, entre 1807 e 1810. Nos jardins, de 16 hectares, a inspiração é francesa.

- dos saberes ao saber-fazer e às ciências -- passíveis de serem entendidos como cultura do passado projectada no futuro.

No contexto ímpar, o grupo interdisciplinar para a pesquisa foi destacado, nas definidas “vertentes fundamentais”, retiradas as identificações dos membros:

1. Memória de MM:

1.1. Recolha de vivências e marcas perdurantes de MM, gravadas, registadas – textos e imagens;

1.2. Documentário sobre o espaço e o tempo em MM.

2. Década VM - Ciclo de iniciativas sob a égide da figura fundadora desta configuração cultural e científica, desde a segunda metade do século XIX:

2.1. *Nós no tempo - Expo Tia Esther*, exposição, no 1º andar, da residência da Avenida da Liberdade;

2.2. Ensaio sobre discurso de VM na Academia Real das Ciências de Lisboa (ARCL); texto sobre quadros de Tia Esther; e *Opúsculo*, sobre as Livrarias Brasileira e Rodrigues.

*Oitava e nona troca de mensagens* em que Tania é a primeira interlocutora:

24.03.2017

Assunto: (Re): uma decisão minha

Tania esclareceu os motivos pessoais que a impediriam de continuar a colaborar no projeto e Ana respondeu aceitar a decisão, ao que no mesmo dia Tania agradeceu.

*Décima troca de mensagens* em que Tania é a primeira interlocutora:

23.05.2017 e 24.05.2017

Assunto: (Re): Olá! Notícias!

Conversação sobre assuntos pessoais.

*Décima primeira troca de mensagens*, em que Ana Luísa retoma o lugar de primeira interlocutora: 02.08.2017 e 03.08.2017

Assunto: (Re): ainda mais ...

Ana informou Tania ter sido montada uma exposição, no 1º andar direito, da residência da Avenida da Liberdade e que MM comemorou os 90 anos da morte do avô, VM<sup>108</sup>.

MM preparou para o efeito uma sessão noturna com convidados.

Em resposta a Ana, Tania fez questão de comentar uma insónia de que saberia sofrer MM.

Essa condição foi explicitada por Tania, reportando o problema ao tratado pelo escritor francês Maurice Blanchot<sup>109</sup> e pelo escritor argentino Jorge Luís Borges (2016, p. 350 [1981])<sup>110</sup>. Sobre este último, o que foi esclarecido pela psicóloga Tania?

Foi pela própria esclarecido sobre um insone: “aquele que a sofre não encontra no sono algum repouso e vive o dia como se estivesse sonhando”.

Acrescentou à reflexão a ideia de que “o sonho invade a vida”, com a criação de “mundos oníricos ou ao mesmo [dando no mesmo] a injeção de algo fabulatório e fabuloso no tédio do dia-a-dia”.

Acreditaria, aliás, que MM o *saberia*, por viver num “sonho diurno”<sup>111</sup>, donde ter *regulado* o o “ritmo do dia”.

Sublinhou uma outra criação de Borges, quando escreveu o livro *Funes, o memorioso*, podendo aproximar a personagem de MM, ambos sofrendo de insónia<sup>112</sup>.

[Funes] Após um acidente em que caiu de um cavalo que usava como montaria, já não pode esquecer todos os detalhes de seus momentos vividos: viu-se, de repente, surpreendido por uma percepção extraordinária; passou a perceber detalhes mínimos, como a disposição de cada folha em alguma árvore vista às 8:32h de um dia qualquer, ou

<sup>108</sup> Desconheço a realização dos eventos datados.

<sup>109</sup> Maurice Blanchot (1907-2003) foi influente junto de Michel Foucault (1926-1984) e de Jacques Derrida (1930-2004).

<sup>110</sup> Coloquei em referências dois sites consultados. Num dos *sites*, intitulado *iSleep*, a data de publicação é de 23/01/2016, “O sono, de Jorge Luís Borges”. Nomeia o poema “A cifra”, publicado “no antepenúltimo livro de poesia”, reunindo “quarenta e cinco poemas, escritos entre 1978 e 1981”.

<sup>111</sup> O devaneio consuma um hábito, agarrado por pessoas no quotidiano insatisfatório, quando tenhamos *a cabeça nas nuvens*.

<sup>112</sup> “Funes, o memorioso”, em obra traduzida no Brasil, consuma um conto de Borges, integrado em *Ficciones* (“Ficções”), de 1944.

a de algum móvel instalado na varanda visto às 22:37h, com suas incrustações em madrepérola e fina *marcheterie* [marcheteria, ou ornamentação de móveis ou outras superfícies]. Tudo para Funes faz-se presente em seu minimalismo e momentaneísmo, talvez impedindo-o, entretanto, de perceber os conjuntos solenes em pessoa, porque ele os disjunta e esquece sua *gestalt* e os agenciamentos que tornam possível fazer uma imagem de sentido àquilo que viu e que agora lembra e ao mesmo tempo esquece. Funes, o insone, MM, a insone. Não seria um ótimo mote de falar sobre sua figura que dorme de dia e somente acorda à noite?

Tania concebeu a noção psicológica de *gestalt* : “forma”, “configuração”, com ênfase no todo. Nas suas palavras, “os conjuntos solenes em pessoa”<sup>113</sup>. Contrapôs a *gestalt* à visão do instante, do olhar que capte a minúcia, uma “percepção extraordinária”. Esse fator de globalidade e de instantaneidade decorreria do *disjuntar* e *esquecer*, por pessoa com uma perturbação/transtorno de sono.

Por sua vez, fez a alusão e o questionamento sobre uma mulher, referida por Walter Benjamin em obra não identificada que, “no desjejum e ao acordar... conta seus sonhos? Aquela que se vê misturada a vidas passadas e que as ressuscita por sua curadoria [seu cuidado colocado] e por sua escolha?”

Tania retomaria o sentido da família de VM, na pergunta: “Quanto de Esther [tia de MM] haveria em MM, como sua narradora-biógrafa?”

Pensou MM *identificado* com certas características [de ausência de marido, descendência ou de autonomia] da tia [Esther]. Ao fenómeno de *identificação* designou-o de uma espécie de duplo “eu” - MM *doublée* [“desdobrada”, assemelhada] de Esther.

E como é que entendeu mulheres da geração de Esther?

---

<sup>113</sup> A psicologia da *gestalt* (“configuração”) revirou noções de percepção, aprendizagem e pensamento, na Alemanha (“gestaltismo”), com Wertheimer, Koffka e Köhler. Com o nazismo, os psicólogos tiveram por destino os E.U.A., nos anos trinta do século passado. Opuseram-se, entre outros, à investigação da época pelo “elementarismo” (“Vejo... um retângulo... letras pretas... dois olhos... uma borboleta... um símbolo...”). Dito que o todo seja superior e maior do que a soma das partes, a mente “ativa” (demonstrado por ilusões frente a figuras ambíguas) busca significados para formas *a priori*, como antecipado por Kant (1724-1804).

Tania voltou a frisar ter sido uma época de “domesticidade patriarcal”, em que as mulheres foram *enclausuradas*. Na situação condicionada por privação social, as senhoras iriam dedicar-se à *música* ou à *pintura*, como Esther. Nessa forma de *pacificação*, aguardariam a vinda de um *pretendente*, pessoa com quem casassem.

A psicóloga concebeu uns *liames* [ataduras] de um tempo *restritivo* e um *contágio*, da mais velha (Esther) para a mais nova mulher (MM). MM arranjará *forças* para uma insónia, vindo a *mostrar* pela madrugada a obra da tia a si mesma.

Pelo que lhe fosse contado por Ana, percecionado ou intuído, Tania “viu”, cada *novo* dia de MM, numa “mistura de sono e de sonho.

E salientou: “[MM] constrange e até humilha aqueles que estão à sua espera nos salões de apresentação cuidadosamente preparados”.

Como é possível, em acontecimentos sociais noturnos, numa inauguração, MM a comparecer em último lugar junto dos convivas? Educada e respeitadora, fez-se esperar?

Tania soube que MM poderia ficar para trás por incorrigível *atrasada*. Para aparecer em destaque, ficou longo tempo ausente, a fazer uma *maquilhagem* e *penteado*...

A participante no projeto colocou uma ilação: “a aparição [pública]... deva fazer jus a todo o seu desvelo contra o esquecimento”.

Recordada por tamanha ação intempestiva ou estranha? Um cuidado pessoal na apresentação?

Uma *gafe*?

Não sei como o saber<sup>114</sup>.

MM teria assumido “duas vidas, em simultâneo”: a de *sonhadora* e a de *vigilante*: “vista como sonífera e [vista como] *atrasada*, para os ‘normais’, que dormem em horas certas e que vivem um dia a cada vez”.

---

<sup>114</sup> Do francês, *gaffe*, o termo utilizado em Portugal (“gafe”), abrangeu um deslize, uma palavra que embaraça, um equívoco, mas também a designada “dislexia social”, como aconteceu em situações inadequadas em que se colocou Filipe Mountbatten (1921-2021), Duque de Edimburgo, marido da rainha Isabel II, nem impedindo o cunho racista.

Foi subsequente a declaração de que a circunstância de MM ter realizado uma recente exposição, por si preparada em casa, em cuja inauguração terá recebido convidados, só após entrarem e a aguardarem. Se “a noite é o dia”, o evento foi noturno: “por vezes... a possibilidade da noite [colocada como hora marcada por MM], ao nosso olhar... aquilo que ela dispõe, com seus dedos já frágeis, na exposição”.

Portanto, entre sono e vigília, entre uma *margem* (morte) e a outra *margem* (vida), afiguro também algo entre si e a tia e entre si e o avô. MM “se aparta dos ritmos habituais de qualquer um, para tornar-se sonâmbula em seu modo esdrúxulo, modo de existir nesse seu tempo de velhice”. Assim MM não se ajustaria a padrões considerados adequados. Poderia manifestar uma faceta esquisita, excêntrica, extraordinária ou extravagante?

Como Tania retomou a ideia de uma “terceira margem”, além das “duas margens” de um *rio* (ou entre vivos e mortos), salientado de forma enigmática?

[MM] Escolheu a terceira margem do rio para habitar. Encontra-se quase em contato e à vista de todos, mas refugia-se em uma tranquilidade singular, não se deixando levar pelas correntezas de um cotidiano em que tudo foge e torna-se ligeiro demais.

O que significa viver numa “terceira margem”, inexistente num *rio*? Será algo como viver pelo próprio ritmo, afoita ao tempo que corre?

Que suporte para “a terceira margem”?<sup>115</sup>

Tania transitou de imediato para a noção de que a memória do passado não encerra uma forma de *nostalgia*. Sobre a recordação para MM, afirmou-o. Antes, interpretara que a senhora *apropriou* e “foi apropriada” por *heranças* do passado, em que viveria. Então? De que lado situar MM?

A psicóloga postulou uma perspectiva sobre a colagem de “duas noites”, na inferência do tema focado pelo escritor Blanchot (1971, p. 163). Recuperou-o para

---

<sup>115</sup> A minha última hesitação ao terminar a transcrição da conversação, coloca-se na expressão usada por Tânia: “... a terceira margem do rio.” Mais tarde acedi ao *Google* e entendi-a na “inspiração mágica”, para a criação dum conto de Guimarães Rosa (2005), por si explicitada a ocorrência do *insight* para a *estória* (Rosa, 2001, p. 221).

o esclarecer como “desdobramentos noturnos” (Dula-Manoury, 2003, p. 181)<sup>116</sup> de uma pessoa noutra/s:

[Uma é] Aquela [noite] em que dormimos para acordarmos vigilantes, o símbolo de nossa vigilância e controle. E, para ele [Blanchot], há mais uma noite que ele chama de a ‘grande noite’, em que mesmo no dia estamos sonhando como se estivéssemos envolvidos nas brumas de nosso inconsciente e é essa noite, em que não repousamos para a vigilância [ou controle], que nos apraz encontrar nos restos diurnos algo do que foi noturno, fruto de nossa fantasia [em sonho], que é tal [irreal, como restos diurnos] enquanto se faz realização [real como a vigília no dia].

Na apreensão de um sentido para a vida de MM, retomou a questão colocada, para a expressão verbal “restos diurnos”<sup>117</sup>. O que aconteceu na véspera do sonho?

Torna-se acessível em sonho o que a realidade (não) nos nega?

Todos sonhamos e todos dormimos. E se a vida fosse sonho?

Chego a acreditar na vida *outra*, por repetido autoengano, devaneio ou evitamento.

Assim colocado, MM poderia “fazer realizações [de desejo ou de preocupação] no [estado de] sonambulismo [uma variação do sono]”<sup>118</sup>.

Nessa condição a vida é quase como sonho. De que modo, poderia MM criar um *relacionamento* com a tia Esther?

De imediato coloquei uma ideia da forma de *ressuscitar* uma vida, vivida num “século passado”, saindo da existência, como quando MM expôs os trabalhos artísticos de Esther:

<sup>116</sup> A ideia de “desdobramentos noturnos” parte do conhecimento da transcritora.

<sup>117</sup> “Restos diurnos” envolvem os antecedentes diretos do sonho, tanto desejos quanto preocupações do dia anterior ou dos dias anteriores ao sonho. Em 1900, a abordagem de Freud, em “Psicanálise dos sonhos”, salientou que se realiza no sonho a função do desejo inconsciente.

<sup>118</sup> O sonambulismo veio a ser afastado de uma condição psicopatológica, pelo que dito de variação do sono.

[MM] Vai afora [para fora] de si, para reunir em alguma câmara da casa... pinturas de sua Tia Esther Adelinda, que viveu muito antes dela. Ela ressuscita uma vida, a vida uma mulher do século passado, enraizada em vestes antigas e em um olhar detalhista para as coisas que o mundo que se lhe apresentava.

O que pintou e desenhou Esther, no olhar de Tania?

Apresenta-se a seguir uma obra de Esther (Figura n.º 4), em que cria uma natureza morta. Já o pintor francês Paul Cézanne (1839 – 1906) tomara a natureza morta como motivo a representar, um “monumento” ao quotidiano<sup>119</sup>.



Figura n.º 4 – Pintura de Esther Adelina.  
Fonte: Acervo de Maria Macedo, sobrinha-neta de Esther Adelina.

Além de pessoas “vestidas como na época”, Tania destacou os objetos, “regadores de flores, imagens de santas e Nossas Senhoras, frutas em alguma fruteira, como naturezas mortas, buquês [ramos] de flores que adornaram mesas festivas, as próprias flores e frutas”.

Tania saberia ter-se dedicado Esther a obras de qualidade, como “elementos de rastros de sua observação sensível e de sua técnica aprimorada”.

<sup>119</sup> Cézanne destacou objetos e figuras pela cor, antes de tender para os planos geométricos de cor e a abstração.

Donde, MM ser como uma “figura fantasmática de Esther”, quando criou, também ela, “rastros do que queria expressar de seu próprio olhar”. Colocaria os seus olhos no empenho de mostrar as obras na exposição. Partilhou um legado material. Foi MM quem recolheu e apresentou os desenhos e as pinturas, sujeitas a “observações sutis” da artista Esther, dada uma “impressão duradoura daquilo que se passava”, muitos anos atrás. Deixado um *rasto* de recordação.

Retomando o tempo de VM e da irmã *caçula*, Esther, Tania explorou a *superação* desta de algo, que nem foi dito. Na descendência direta de VM, foi Esther a introduzir nos “ares da família”<sup>120</sup> algo do gosto pela arte vinda do irmão mais velho, médico e [tendencialmente] afeito ao colecionismo de época e de estilos [artísticos].

Já VM teria sido um “coleccionador de artes e de costumes”. Foi ele a conceber a posse duma “morada-templo para a função de domicílio de seus gostos e ações eletivas”.

Junto dele, Esther seguiu um “destino de mulher”.

O que poderia empreender Esther, naquele *destino*? O que poderia escolher?

Tania *imaginou-a* embrenhada em atividades, que passariam até da arte à ajuda de outros: “pianista... professora de alguns empregados pobres e analfabetos, que serviam à família”<sup>121</sup>.

E para *apimentar e incrementar* outros possíveis modos de vida de Esther?

Além de quaisquer outros desejos ou preocupações, ela “quereria tantas coisas, incluindo-se sua disposição em realizar exposições além-mares?”

---

<sup>120</sup> Quando Tania se referiu a “ares de família”, utilizou essa expressão, cunhada por um aristocrata austríaco, multifacetado, Ludwig Joseph Johann Wittgenstein (1889-1951). Ares de família foi dito de “semelhanças de família” (Wittgenstein, 1996), nas secções 65 a 71 de *Investigações filosóficas*, numa procura de implicações para “jogos de linguagem” (Wittgenstein, 1979). Dito de outro modo, para a heterogeneidade da linguagem, o que passa pela linguagem consumir um elemento constitutivo das atividades quotidianas. Nas suas palavras: “Não posso caracterizar melhor essas semelhanças [de jogos de linguagem] do que com a expressão ‘semelhanças de família’. Envolvidas, são cruzadas as diferentes semelhanças entre os membros da família: estatura, traços fisionómicos, cor dos olhos, o andar, o temperamento etc., etc. – E digo: os ‘jogos’ formam uma família” (Wittgenstein, 1996, p. 52).

<sup>121</sup> Sobre Esther, a filha mais nova de vinte e um irmãos, o pai assumiu: “esta fica analfabeta!”. No entanto, ela foi artista e cuidou de escrever com letra esmerada.

Esther expôs a sua arte fora de Portugal, no Brasil (Figura n.º 5)<sup>122</sup>.



Figura n.º 5 – Diploma alusivo a Medalha de Bronze, atribuída a Esther Adelina.  
Fonte: Acervo de Maria Macedo, sobrinha-neta de Esther Adelina.

Poderei crer em uns quaisquer outros “rastros da fogueira [de Esther] ... [que] ainda se incendeiam a vida de MM”?

Em seguida, Tânia afirmou a beleza de duas pessoas *lindas*, MM e a tia. Aliás, colocou-as num contexto indiferenciado, sem as *conhecer* ou sem *conviver*. E não teria conhecido MM?

Na situação de a ter conhecido, Tania teria deixado de *sonhar acordada*, deixado um devaneio? Interagiu, de forma imersiva e vivida com uma pessoa real ou não?

Décima primeira e décima segunda *missiva de Ana entre mensagens*:  
03.08.2017 e 04.08.2017

Assuntos: analuisaentreseculos1 e livro MM, etc.

<sup>122</sup> Em 5 de maio de 1908, Esther expôs a obra no Brasil, no Rio de Janeiro, na Exposição Nacional, em Comemoração do Primeiro Centenário da Abertura dos Portos do Brasil ao Comércio Internacional, recebendo a Medalha de Bronze.

Ana agradeceu a “generosidade reflexiva” de Tania, pondo-a ao corrente de obra a publicar (cuja sigla é livro MMetc), sobre a temática em apreço. Realizada uma sùmula do projeto, enviou-o a Tania. Acentuou que Tania daria o contributo para a publicação, há *seis meses*.

Pedi a Tania que “(des)construísse, com o teu pensar certo de longe e de perto, o que havia escrito”.

*Décima terceira troca de mensagens*, em que a interlocutoras de Tania são Ana e Érica: 28.08.2017

Assunto: (Re): dissertação final (dirigida também a doutoranda Érica Franceschini).

Foram criadas aproximações entre pessoas a envolver no projeto de doutoramento de Érica.

No trecho final, descontextualizado, recordaremos uma mensagem de Tania: “se faz sempre fracasso diante do inexplicável”.

## Referências

- Bakhtin, M. (2001). *Freudismo*. São Paulo: Perspectiva.
- Baptista, A. H. (1998). *Tempo-memória no romance*. São Paulo: Catálise.
- Baptista, A. H. (2002). *Bifurcações do tempo-memória na literatura*. São Paulo: Catálise.
- Baptista, A. H. (2005). Mnemosite, musas: uma gênese da memória e seus possíveis desdobramentos. *Revista Lumen*, 26, 11-21.
- Baptista, A. H. (2007). *Tempomemória*. São Paulo: Arké.
- Blanchot, M. (1971). *L'amitié*. Paris: Gallimard.
- Borges, J. L. (1998). *Obras completas*. Vol. II. Lisboa: Editorial Teorema.
- Borges, J. L. (2018). *Poesia completa* (p. 350) (2ª ed.). Sem cidade: Debolsillo.
- Cortazzi, M. (1993). *Narrative analysis*. London: The Falmer Press.
- Deleuze, G. & Guattari, F. (1980). *Mille plateaux*. Paris: Éditions de Minuit.
- Derrida, J. (2001 [1995]). *Mal de arquivo: uma impressão freudiana*. Rio de Janeiro: Relume Dumará.
- Didi-Huberman, G. (1998). *O que vemos e o que nos olha*. São Paulo: Editora 34.
- Didi-Huberman, G. (2017). *Cascas*. São Paulo: Editora 34.
- Dula-Manoury, D. (2003). Maurice Blanchot: Les intérêts de la nuit et du rêve. *Littératures*, Printemps-automne 2003, 48-49, 181-199. Disponível em [https://www.persee.fr/doc/litts\\_0563-9751\\_2003\\_num\\_48\\_1\\_2220](https://www.persee.fr/doc/litts_0563-9751_2003_num_48_1_2220)
- Feldman, M. S. (1995). *Strategies for interpreting qualitative data*. London: Sage.
- Fonseca, T. (2012). Arquivo e testemunho da psicologia como ciência e profissão. *Psicologia, Ciência e Profissão*, 32, 18-27. Disponível em <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=282024795003>

- Fonseca, T., Filho, C., & Resende, A. (2014) (Orgs). *Testemunhos da Infância: rumores do arquivo*. Porto Alegre, Rio Grande do Sul: Editora Sulina.
- Gomes; R. (1992). Cultura organizacional de escola e identidades profissionais dos professores: estudo de dois estabelecimentos de ensino secundário. Vol. I. (Tese de mestrado não publicada) Universidade Técnica de Lisboa, Faculdade de Motricidade Humana, Lisboa.
- Machado, M. V. S. (2013). *De almofala a Queluz – e até aos nossos dias – Apontamentos da família Silveira Machado*. Disponível em <http://www.familia-silveiramachado.com>
- Rosa, J. G. (2001). *Tutaméia: Terceiras estórias* (8ª ed.). Rio de Janeiro: Nova Fronteira.
- Rosa, J. G. (2005). *Primeiras estórias*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.
- Riessman, C. K. (1993). *Narrative analysis*. London: Sage.
- Sedlmayer, S. & Ginzburg, J. (2012) (Orgs.). *Walter Benjamin: rastro, aura e história*. Belo Horizonte: Universidade Federal de Minas Gerais.
- Strauss, A. (1987). *Qualitative analysis for social scientists*. New York: Cambridge University Press.
- Tesch, R. (1990). *Qualitative research: Analysis types & software tools*. Bristol: The Falmer Press.
- Vygotsky, L. (2008). *Pensamento e linguagem*. São Paulo: Martins Editora.
- Wittgenstein; L. (1979). *The big typescript*. Oxford: Clarendon Press.
- Wittgenstein; L. (1996). *Investigações filosóficas*. São Paulo: Abril.

**Sites**

Zé Eduardo e pensando e seguindo a canção (2014, março 5). Jorge Luís Borges. A cifra. [ Postagem de log da web ] Consultado em abril 24, 2021, em <https://joserosafilho.wordpress.com/2014/03/05/a-cifra-jorge-luis-borges/>

*iSleep* (2016, janeiro 23). O sono, de Jorge Luís Borges. Consultado em abril 23, 2021, em <https://www.isleep.pt/o-sono-de-jorge-luis-borges/>

**Referência iconográfica**

René Magritte: *La Bataille de l'Argonne* – 1.